

Escrever para interferir no próprio destino: os poemas de uma prisão feminina

Resumo

Refletir sobre os sentidos das escritas de apenas a partir de seus poemas, tendo como fonte/objeto de estudo o jornal – Só Isso! – produzido por aprisionadas na Penitenciária Feminina Talavera Bruce, situada no Rio de Janeiro, é o objetivo do presente trabalho. O Só Isso! se configura como uma forma de dar visibilidade às subjetividades das encarceradas, assim como se tornou um meio de buscarem intervir no próprio destino através de textos que reclamam por novos caminhos para a unidade penal que as abriga. Na tentativa de interferir no cenário em que vivem, ora esses sujeitos se utilizam de uma linguagem política, ora a linguagem poética suscita o universo prisional e revela a busca por um novo destino. As apenas olham para dentro de si ao escrever, trazendo à tona o passado, dores do presente e o quanto vislumbram a liberdade. Nesse sentido, a relevância desse trabalho se configura por trazer à tona sujeitos invisibilizados pelas pesquisas acadêmicas, revelar parte do universo que os cerca e valorizar a escrita de si oriunda do cárcere. Fundamento essa análise em autores como Leonor Arfuch (2010) e Antonio Viñao (2000) que abrem perspectivas para se pensar os sujeitos, os sentidos da escrita autobiográfica e possibilidades para a reflexão das narrativas sócio-históricas e cotidianas. Pensar nessas escritas de si é também uma forma de dar visibilidade às tentativas dessas mulheres de constituírem um elo com o mundo dentro e além das grades da prisão.

Daiane de Oliveira Tavares
Doutoranda em Educação pela
Universidade do Estado do Rio
de Janeiro – UERJ – Brasil
doliveiratavares@yahoo.com.br

Palavras-chave: Escrita; Mulheres; Prisioneiras.

Para citar este artigo:

TAVARES, Daiane de Oliveira. Escrever para interferir no próprio destino: os poemas de uma prisão feminina. *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 16, n. 32, p. 111 – 126, set./dez. 2015.

DOI: 10.5965/1984723816322015111

<http://dx.doi.org/10.5965/1984723816322015111>

Write to influence in own destiny: the poems of a woman`s prison

Abstract

Reflect about the meaning of the women prisoners writing from their poems using a main source/object of this research the newspaper – Só Isso! – produced by the prisoners of Talavera Bruce Women's Penitentiary, located in Rio de Janeiro – Brazil, is the main objective of this article. The newspaper – Só Isso! is configured as way of give visibility to the subjectivities of the woman prisoners, as well as became a means of seek the influence in own destiny through the texts that claim to a new way to the penal institution that they are. In an attempt to interfere with the setting in which they live, sometimes these women are used in a political language, sometimes poetic language raises the prison world and reveals the search for a new destination. The prisoners looks inside themselves writting their poems bringing up the past, present pain and how much their have a expectation of freedom. As such, the relevance of this article is configured for bringing up and highlight the subject was invisibilized fot the main academic researches, revealing part of the universe that surrounds them and value the writing itself derived from the prison. Basis this analysis on authors such as Leonor Arfuch (2010) e Antonio Viñao (2000) that open perspectives for thinking the subject, the senses of autobiographical writing and possibilities for reflection of the socio-historical and everyday narratives. Think of these writings of itself is also a way to give visibility to the efforts of these women constitute a link with the world within and beyond the prison bars.

Keywords: Writing; Women; Prisoners.

Apresentação

Utilizando como fonte/objeto de estudo o jornal – *Só Isso!* – produzido por aprisionadas na Penitenciária Feminina Talavera Bruce, situada no Rio de Janeiro, o objetivo do presente trabalho é refletir sobre os sentidos das escritas de mulheres privadas de liberdade a partir de seus poemas¹. Trata-se de um jornal colorido, ilustrado, de ótima qualidade gráfica e que teve grande repercussão nas unidades prisionais do estado.



Figura 1. Exemplares do jornal *Só Isso!*

O *Só Isso!* se configurou como uma forma de dar visibilidade às sensibilidades e subjetividades das encarceradas, assim como se tornou um meio dessas mulheres buscarem intervir no próprio destino através de textos que reclamam por novos caminhos para a unidade penal que as abriga.

¹ O presente trabalho é um recorte de minha dissertação de Mestrado: TAVARES, Daiane de Oliveira. *Escritas encarceradas: representações do universo prisional feminino nas páginas do jornal da Penitenciária Talavera Bruce*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, (Dissertação de Mestrado), 2011. Foi originalmente publicado, com o mesmo título, no VI Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) Biográfica - Entre o público e o privado: modos de viver, narrar e guardar, realizado no Rio de Janeiro, de 16 a 19 de novembro de 2014, sendo esta uma versão revisada do mesmo.

A decisão de escrever muitas vezes é tomada pela necessidade de denunciar a realidade, de reconhecê-la e modificá-la. Na tentativa de interferir no cenário em que vivem, ora esses sujeitos se utilizam de uma linguagem política, ora a linguagem poética se torna um meio de suscitar o universo prisional e revela a busca por um novo destino. É possível perceber que as apenadas olham para dentro de si ao escrever, trazendo à tona o passado, as dores do presente e o quanto vislumbram a liberdade. Nesse periódico, enxergamos muito mais do que muros e grades; percebemos sujeitos, sensibilidades e representações acerca do mundo prisional.

Assim como em outros jornais, por meio do *Só Isso!* “emergem ‘vozes’ que têm dificuldade em se fazerem ouvir noutros espaços sociais, tais como a academia ou o livro impresso” (NÓVOA, 2002, p. 31). Esse jornal demonstra o quanto essas mulheres se recusam a cumprir a invisibilidade imposta àqueles que estão em cumprimento de pena e se mostram, se fazem ouvir, pela palavra, pelo que expressam a partir do impresso.

Nesse sentido, é a partir das questões que envolvem o encarceramento feminino, e nas condições históricas pelas quais são percebidas, é que o estudo desse periódico se faz relevante no âmbito da história da educação. Apesar de não ser um jornal voltado para um público escolar, é possível pensá-lo como uma ação educativa, entendendo educação como um processo mais amplo, na medida em que discute valores, hábitos e comportamentos, reconhecendo a voz de um grupo que possui especificidades em seu modo de vida, e utiliza o recurso da escrita como uma forma de interagir com o cárcere.

Segundo Magaldi e Xavier (2008), a utilização de impressos nas investigações acadêmicas desenvolvidas no campo da educação ganha relevo, entre outras razões, pela ampla variedade de publicações que revelam um universo social multifacetado, pela potencialidade de captação dos debates e ações no campo educacional no momento em que se processavam e pela possibilidade de promover o acesso do pesquisador a diferentes vozes e diferentes diagnósticos acerca das questões educacionais.

Diante desse impresso, busquei refletir sobre os possíveis sentidos constituídos nas escritas das apenadas, buscando uma melhor compreensão das práticas cotidianas dessas mulheres, principalmente, no que tange a uma realidade tão específica, fazendo emergir o registro de um modo de vida tão particular.

O *Só Isso!* surgiu a partir da iniciativa de quatro mulheres: Lotta Hagstrom, uma finlandesa, a alemã Sabrina Hagel, a boliviana Lila Mirtha e a brasileira Marileine. Na formação inicial da equipe, Sabrina era a editora do impresso, Lila e Marileine atuavam na redação do jornal e Lotta elaborava suas ilustrações. Segundo relatos encontrados nas páginas do impresso, estabelecer, a partir dele, uma forma de comunicação entre os sujeitos privados de liberdade e uma maneira de oferecer trabalho às internas, foram as maiores motivações para a sua criação. O jornal circulou entre os anos de 2004 e 2008, contando com o apoio de um patrocinador e do então diretor da Penitenciária, o que permitiu a circulação do periódico por todas as unidades prisionais do Estado do Rio de Janeiro, estabelecimentos penais de outros estados e instituições ligadas ao sistema penitenciário.

Por contar com patrocinadores da sociedade livre o *Só Isso!* teve grande repercussão na mídia. Inclusive, segundo matéria² de um jornalista do *Boletim ABI*³, um dos patrocinadores do impresso é jornalista e treinava as internas em texto, reportagem, edição e diagramação. Na internet é possível encontrar diversas matérias sobre o periódico veiculadas por grandes jornais e revistas como a *Folha de São Paulo* e *Revista Época*.

Esse impresso foi criado na gestão do Diretor Marcos Pinheiro que, à frente da Penitenciária Talavera Bruce, possibilitou a organização das internas para a elaboração do jornal. Segundo ele, “foram meses de preparação, de espera, de aperfeiçoamento em busca da concordância entre os ideais das fundadoras e a necessidade de comunicação” (n. 8, jan. 2006, p. 1).

A possibilidade de organização das mulheres presas em prol da produção de um jornal reveste-se de grande relevância no sentido de criar um espaço de comunicação e trabalho, pois como aponta Antonio Nóvoa (*apud* CATANI, BASTOS, 2002), a imprensa periódica é lugar de permanente regulação coletiva: a elaboração de um jornal traz sempre debates e discussões, polêmicas e conflitos; mesmo quando é fruto de uma vontade individual, a controvérsia não deixa de estar presente, no diálogo com os leitores, nas reivindicações junto aos poderes públicos ou nos editoriais de abertura.

² Disponível em <<http://www.jornaldamidia.com.br>> e acessada em 17 de maio de 2010.

³ Associação Brasileira de Imprensa - ABI.

Para as internas da Penitenciária Talavera Bruce, o *Só Isso!* “representa um grande acontecimento e um veículo importante de informação e, a partir dele, a sociedade poderá saber e lembrar que, ao serem presas, elas não deixam de ser seres humanos com sentimentos, esperanças e valores” (n. 2, ago. 2004, p. 3), como se lê no editorial da segunda edição do jornal.

Diante do exposto, busco possibilitar a produção de uma memória histórica desses sujeitos por meio de suas escritas, que podem muito contribuir para a reflexão a respeito das vicissitudes do encarceramento feminino. Trata-se de perceber a escrita como uma prática cultural, uma forma de veicular ideias, um suporte para a memória e um sistema de representações de ideias que possuem especificidades e podem nos revelar nuances da vida em espaços de privação de liberdade. O trabalho de pesquisa a partir do *Só Isso!* é uma possibilidade de compreender um pouco mais sobre a realidade das mulheres privadas de liberdade, valorizando a escrita oriunda de um contexto em que os rigorosos meios de controle utilizados pela instituição penitenciária acabam por desumanizar os sujeitos apenados.

Essas mulheres falam de paixões, amores, de como é ser uma mãe aprisionada; trazem tristeza e saudade em suas palavras. No entanto, é com certa leveza e feminilidade que relatam a vida, suas memórias e emoções. Assim como todos os aprisionados, elas escrevem para “encurtar distâncias, consolar a injustiça, alimentar esperanças e amenizar a solidão” (MIGNOT, 2002, p. 120).

Para suscitar essas reflexões, utilizarei as 13 edições do periódico, conforme o quadro a seguir:

Quadro nº 1: relação de exemplares do Jornal *Só Isso!*

ANO E NÚMERO	DATA	NÚMERO DE PÁGINAS
1/1	Maio de 2004	08
1/2	Agosto de 2004	08
1/3	Outubro de 2004	08
1/4	Dezembro de 2004	08
2/5	Março de 2005	08
2/6	Maio de 2005	08

2/7	Agosto de 2005	08
3/8	Janeiro de 2006	12
3/9	Maio de 2006	12
3/10	Setembro de 2006	12
3/11	Dezembro de 2006	12
4/12	Agosto de 2007	12
5/13	Agosto de 2008	12

Fonte: Edições do *Só Isso!*

Entendo que o jornal aqui estudado revela em muito o cotidiano de um presídio feminino, as dificuldades materiais, psicológicas e emocionais por que passam esses sujeitos; discussões sobre o encarceramento, reivindicações e o sonho de algumas dessas mulheres de construírem melhores condições de vida dentro e além das grades da prisão. Sendo assim, trarei a partir de agora, os poemas dessas mulheres que expressam sentimentos e o desejo de uma vida melhor dentro e além dos muros e grades do estabelecimento penal que as abriga.

Escrever na tentativa de intervir na realidade

Buscando interferir na realidade em que vivem, a linguagem poética se torna um meio de suscitar o universo prisional, as dificuldades da vida no cárcere e revelam a busca por um novo destino. Os textos que reivindicam melhores condições de vida na prisão e que não se constituem em forma de poemas, apontam para a reflexão acerca de políticas penitenciárias em prol da garantia do direito ao trabalho, já que todas as reivindicações trazidas por essas apenadas e registradas no *Só Isso!* ajudam a pensar que condições dignas de vida e direito à educação e trabalho na prisão tornam-se uma premissa, podendo possibilitar aos sujeitos privados de liberdade a compreensão do significado de justiça, democracia e cidadania.

As escritas dessas mulheres apontam para a necessidade da construção de políticas públicas que atendam a esses sujeitos em suas demandas e especificidades, de modo a superar um cenário em que as mulheres encarceradas “são mortificadas na

subjetividade feminina e, ao mesmo tempo, enfocadas sob prismas que hiper-sexualizam as relações estabelecidas e as intervenções do poder formal” (CHIEZ, 2009, p. 278).

Não é difícil perceber que o contexto carcerário evoca a desumanização dos sujeitos e, conseqüentemente, a desumanização do trabalho. Ao pensar o trabalho de internos como possível elemento de reconstrução de vida desses sujeitos, há que supor a existência de uma visão mais humanista, pela qual os seres humanos sejam capazes de se ver como trabalhadores e interferir na realidade de maneira crítica. No entanto, não há uma política séria: “para a maior parte das internas o trabalho representa [...] uma fonte de recursos necessária e um meio eficaz para ajudar a passar o tempo” (LEMGRUBER, 1999, p. 137).

Apesar de todo esse cenário desumanizador, os poemas oriundos da vida no cárcere “gritam”, justamente, o lado humano e sensível dessas mulheres. Nesse sentido, esses textos parecem ser oriundos de profundo sofrimento, sentimento este que se extravasa nos versos que nascem entre as grades. É possível perceber que as apenas olham para dentro de si ao escrever, num movimento que traz à tona o passado, as dores do presente, as marcas deixadas pela vida no cárcere e o quanto vislumbram a liberdade e um futuro melhor. Talvez esses poemas representem o “grito” de quem queira recuperar a dignidade e a autoestima perdida durante o cumprimento da pena. A autora abaixo fala do quanto essa escrita é importante para as apenas e que o seu sentido, muitas vezes, está em expressar as perdas da vida:

Perdas e Poesias

Cabe a nós transformarmos cada uma de nossas perdas em poesias e preces, eternizando tudo aquilo que um dia amamos e que agora escapou ao nosso toque e ao nosso olhar. Fugindo para o íntimo do mistério que nos ultrapassa, embora habite dentro de nós mesmos. Infinito mistério dentro, talvez o externo refletindo o interior. Talvez fazendo-nos descobrir que os dois são um só! Para meus filhos que se foram para nunca mais voltar; mas que se encontram dentro de mim.
Neuza Darc Ribeiro (n. 1, maio. 2004, p. 5)

Através da leitura dos poemas contidos no *Só Isso!* é possível enxergar esses sujeitos para além do crime cometido e perceber o ser humano em suas fragilidades,

emoções e sentimentos. Em seus versos, as privadas de liberdade escrevem, reescrevem suas histórias, e é possível perceber testemunhos de sofrimentos durante os dias de aprisionamento, além da imensa solidão pertencente ao cotidiano desses sujeitos. Esses poemas trazem “o elemento biográfico a um alto nível de expressividade tornando-os inteligíveis dentro das convenções de determinado contexto histórico e cultural” (CANDIDO, 2000, p. 35) que, neste caso, é o ambiente prisional.

As escritas de si dessas mulheres que escrevem motivadas pela própria condição de apenadas e que possuem trajetórias difíceis e fortemente marcadas pelo aprisionamento, se tornam importantes na interpretação das vicissitudes do encarceramento feminino e fazem perceber como constroem sua identidade e estabelecem relações com o mundo intra e extramuros. Entre os temas mais recorrentes na escrita dessas poetisas do cárcere estão: liberdade, amor, saudade e a própria prisão.

Liberdade

Mais belo que o cantar de um pássaro é seu vôo. Pois nem todo cantar é alegria, Mas todo vôo é LIBERDADE.
Sem autor (n. 1, maio 2004, p. 5)

É possível perceber, ainda, o quanto procuram a partir da escrita uma autovalorização importante para si mesmas e para as colegas, na busca por aumentar a autoestima perdida após o encarceramento. Por meio do *Só Isso!* pode-se pensar em como “principalmente entre as mulheres, a escrita do *eu* tenha se tornado uma forma quase obrigatória de manter-se em contato consigo mesma, com seu espaço e com outras mulheres” (VIANA, 1995, p. 97). Analisando outro texto, é possível perceber que “por meio de diferentes registros dos códigos e normativas à literatura ou à poesia – funciona como re-institucionalização catártica de limites” (ARFUCH, 2010, p. 91), apontando as dificuldades e tentativas de suportar a vida sem liberdade:

Sorria minha amiga

Sorria, minha amiga, este não é o paraíso onde nasceste, não é tão fácil sorrir neste lugar em que a sede, como um verme em uma flor, corrói o

íntimo de um coração. Onde o desejo refletido penetra mais ainda aquilo que se deseja e onde a saudade ingênua nunca deixa de suspirar pela alegria perdida. Neuza Darc Ribeiro (n.1, maio. 2004, p. 5)

A saudade e o amor parecem ser a maior inspiração desses sujeitos. Em grande parte dos poemas contidos no impresso, a saudade se faz presente e parece ser a maior motivação dessa escrita. Saudade esta da pessoa amada, dos filhos e da liberdade perdida. Nesta poesia, o “amor, de resto, inunda o verso do detento. Há por todos os lados choros, soluços, lábios de coral, saudades, recordações desesperadas, rogos [...]” como escreve João do Rio (2008, p. 219). Por meio dessa escrita poética “é possível apreender a circulação narrativa das vidas, comuns e singulares, discernir semelhanças e especificidades” (ARFUCH, 2010, p. 340). Segue abaixo a saudade traduzida nos versos da prisão:

Saudade de você

Saudade é algo assim
 Uma agonia sem fim
 Uma dentro da alma
 Que chora dentro de mim
 A saudade é um rio pequeno
 Que corre para dentro do mar
 É como minha ilusão de um dia
 Te encontrar!
 Saudade, por que me atormentas tanto
 E me deixas assim nesse pranto
 Como um pássaro sem saber usar
 Que todo mundo gosta de chorar.
 Joy (n. 1, maio 2004, p. 5)

Não só as mulheres, como também os homens de outras unidades prisionais enviam suas poesias para serem publicadas no *Só Isso!*, no entanto, vale destacar a história de Neuza Herley, com vários poemas publicados no impresso. Esta mulher conta um pouco de sua história e parece se orgulhar de ser conhecida como a poetisa da Talavera Bruce:

Fui no bar e pedi: moço, me dê pão e um copo d'água pra beber. Foi aí, quase morta, que fiz uma música: Juramento de um moleque. Guardei na cabeça por 13 anos, pois não sabia ler nem escrever. Morando na rua conheci Mestre Cartola, que me fez estudar e trabalhar. Me aposentei e na cadeia recebi um diploma de “poetisa”. Neuza Herley (n. 2, ago. 2004, p. 2)

Ao dizer que na cadeia recebeu “diploma de poetisa”, Neuza leva à reflexão de que “ser poeta é ser alguma coisa mais do que preso, e um negralhão capoeira, um assassino como Bueno ou o José do Senado, após o testemunho da rima, falam mais livremente e com maior franqueza” (RIO, 2008, p. 219). Essa mulher, assim como os outros poetas do cárcere, trazem seus testemunhos de vida por meio de seus versos e nesse momento “as representações desveladas permitem que pelo discurso, elas se produzam, num movimento descrito como uma ‘poética da experiência’ onde o narrador se inventa como sujeito da linguagem” (MIGNOT, BASTOS e CUNHA, 2000, p. 178).

Esses testemunhos refletem o mundo vivido e se tornam um refúgio para os aprisionados que trazem representações do seu eu íntimo e pessoal, aquele que expressa pensamentos, convicções, reações afetivas, traços de caráter (ARFUCH, 2010). Neste sentido, vale refletir para o sentido da poesia oriunda do cárcere:

Poesia entrañable, se postula como representativa de un mundo peculiar, reflejo de un caos de absurdidad y a la vez, intento de ordenamiento intelectual y espiritual de esse caos que encuentra en el preguntarse a sí misma. Que si ve el sufrimiento no es para quedarse en él, que jamás apela a la resignación porque su es descubrir la sangre y no la llaga. (ALZUGARAT, 2007, p. 71)

Vale também apontar o quanto esses textos, além de expressarem a vontade de recuperar o direito de ir e vir desses sujeitos, destacam, também, que por meio da poesia é como se estivessem livres, pois apesar da prisão do corpo elas expressam em suas palavras a liberdade de seus sonhos e pensamentos, voando para bem longe dos muros e grades da prisão.

Prisão

Podem me prender com algemas
 Unir meus pés às correntes
 Podem até trancafiar-me
 Nas paredes úmidas de concreto.
 Impossível mesmo será
 Colher os meus sonhos
 Que são leves como a brisa
 Que tocam em seu rosto
 Soltos no ar, como um pássaro.
 Voam os meus pensamentos
 Só a lhe procurar/
 Mesmo que estejamos distantes um do outro.
 Faz-me sofrer
 A saudade que sinto de você.
 Nunca permitirá
 Que se apague dentro de mim
 Esse amor que ferve o meu sangue
 E que domina todo o meu ser.
 Você é meu céu
 Meu ar e meu sofrimento
 De que tanto necessito para a minha sobrevivência.
 É o sol que faz aquecer o meu corpo
 Crobes Antunes (n. 4, dez. 2004, p. 3)

Escrever poemas na prisão é ter a ilusão da liberdade e expressar as mazelas do cárcere a fim de encontrar alívio por meio dos versos escritos que trazem à tona a vontade desses sujeitos de interferir no próprio destino. Escrever na prisão, em condições em que viver é uma luta constante, se configura como uma forma de reconstruir a identidade perdida e dar continuidade à vida, apesar das adversidades e clausura, das péssimas condições, e de “los insultos, las vejaciones. Se escribe, em resumen, para poder seguir siendo persona” (RUBALCABA PÉREZ, 2005, p. 235).

Esses escritos remetem à reflexão acerca dos sentidos da escrita de si que se configura como instrumento de autoconhecimento, comunicação consigo mesmo e com outros e a busca por amenizar culpas e sofrimentos. A importância de diversas fontes de escritas autobiográficas e a relevância das nuances e aspectos sociais que o *Só Isso!* revelam, podem ser compreendidas também pela reflexão de Viñao (2000, p. 91):

Estas fuentes, por sí solas o junto com otras, permiten, por ejemplo, reconstruir los procesos y modos de educación- familiar, escolar, ambiental- de una generación o grupo determinado y, por comparación, contrastar las diferencias existentes em función del gênero, classe social o zona de residência.

A escrita na prisão assume um sentido de grande importância, pois por meio dela, os presos buscam “aliviar tensões e suprir carências mais profundas” (MIGNOT, 2002, p. 117). A leitura de diversos trechos do *Só Isso!* nos ajuda a pensar nas escritas que emergem do cárcere como uma “tentativa desvairada de abolir a mais difícil das distâncias impostas entre um homem e o mundo” (MORAES, 2000, p. 55), que é a prisão.

É nesse contexto, em que a escrita se torna uma forma de superar a solidão, possibilita a ilusão da liberdade tão almejada, torna-se um canal de desabafo e exercício de si, que o *Só Isso!* surge, gerando um veículo de comunicação na vida das internas pois nestas circunstâncias “la comunicación mediante la escritura se convierte en una necesidad vital” (RUBALCABA PÉREZ, 2005, p. 222).

Considerações finais

O estudo do *Só Isso!* possibilita mergulhar nas diversas nuances do encarceramento feminino e nos possíveis sentidos que a escrita na prisão assume na vida dos privados e privadas de liberdade. Esses sujeitos que utilizam a escrita para amenizar a solidão, aliviar sofrimentos e desabafar, trazem relatos sobre histórias de vida marcadas por inúmeras dificuldades materiais, psicológicas e emocionais.

Os textos que emergem nas páginas do impresso mostram um mundo de emoções, fragilidades, escolhas e aprendizados, que é fortemente exposto pelas encarceradas e, nesse espaço de escrita e leitura, estas produzem um conhecimento sobre si, sobre o universo prisional, sobre as dificuldades e os sonhos para o futuro. São relatos singulares, carregados de subjetividade e experiências.

Nesse sentido, esse impresso se configurou como um instrumento de grande importância para esses sujeitos, pois contempla todas as encarceradas de alguma forma,

seja pertencendo à redação, e com isso conquistando um espaço de trabalho, seja como escritora e ou leitora, o que possibilita expressar sentimentos e diminuir as dores geradas pelo encarceramento.

Diante desse cenário, é possível pensar em como o direito ao ato de escrita e leitura na cadeia torna-se revestido de uma função social e educativa e, o estudo do *Só Isso!* propiciou a compreensão da realidade do grupo constituído por aprisionados a partir da interpretação dos discursos por ele veiculados e dos temas debatidos que fazem emergir, por meio da escrita, o modo de vida de mulheres e homens presos, seus anseios e desilusões.

O estudo sobre os sentidos da escrita de mulheres privadas de liberdade a partir desse impresso possibilitou compreender discursos, relações e práticas e dar-se a ouvir as apenadas. Na conquista de autonomia, de espaço e de identidade social, possivelmente, o impresso *Só Isso!* representa um avanço, possibilitando que, a partir da escrita, essas mulheres possam aliviar suas tensões, transmitam uma ideia de si, reinterpretem suas vidas na busca pela reconstrução de suas histórias, na medida em que refletem sobre sua condição atual de apenadas e projetam um futuro melhor para além dos muros e grades da prisão.

Referências

- ALZUGARAT, Alfredo. **Trincheras de papel**: dictadura y literatura carcelaria en Uruguay. Montevideo: Ediciones Trilce, 2007.
- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- CANDIDO, Antonio. **Na sala de aula**: caderno de análise literária. São Paulo: Ática, 2000.
- CATANI, Denice Barbara; BASTOS, Maria Helena Câmara (Orgs). **Educação em Revista**: a imprensa periódica e a história da educação. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.
- CHIES, Luiz Antonio Bogo ; BARROS, Ana Luisa Xavier. A prisão dentro da prisão: sínteses de uma visão sobre o encarceramento feminino na 5ª Região Penitenciária do Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, São Paulo, ano 17, n. 79, 2009.
- LEMGRUBER, Julita. **Cemitério dos vivos**: análise sociológica de uma prisão de mulheres. Rio de Janeiro: Achiamé, 1999.
- MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello; XAVIER, Libânia Nacif. Apresentação. In: **IMPRESSOS e história da educação**: usos e destinos. Rio de Janeiro: 7letras, 2008.
- MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. Artesãos da palavra: cartas a um prisioneiro político tecem redes de idéias e afetos. In: BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. S.; MIGNOT, A. C. V. (Orgs.). **Destinos das letras**: história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: Ed. UFP, 2002.
- MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Tereza Santos (Orgs.). **Refúgios do eu**: educação, história e escrita autobiográfica. 1ª. ed. Florianópolis: Mulheres, 2000.
- MORAES, Eliane Robert. A cifra e o corpo: as cartas de prisão do marquês de Sade. In: GALVÃO, W. N.; GOTLIB, N. B. **Prezado senhor, prezada senhora**: estudo sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 55-60.
- NÓVOA, Antonio. A imprensa de Educação e Ensino: concepção e organização do repertório português. In: CATANI, Denice; BASTOS, Maria Helena Camara. **Educação em revista**: a imprensa periódica e a história da educação. São Paulo: Escrituras Editora, 2002, p. 11-31.
- RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- RUBACALBA PÉREZ, Carmen. Escribo aquello que no sabía decirle a nadie: La escritura em reclusión. In: SIERRA BLAS, Verônica; GÓMEZ, Castillo (Orgs.). **Letras bajo sospecha**: escritura y lectura em centros de internamiento. Alcalá: Ediciones Trea, 2005. p. 217-235.

TAVARES, Daiane de Oliveira. **Escritas encarceradas:** representações do universo prisional feminino nas páginas do jornal da Penitenciária Talavera Bruce. 2011, 00 f. Dissertação - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação, Rio de Janeiro, 2011.

VIANA, Maria José Motta. **Do sótão à vitrine:** memórias de mulheres. Editora UFMG, Faculdade de Letras, 1995.

VINÃO FRAGO, Antonio. Las autobiografias, memórias y diários como fuente histórico-educativa: tipologia y usos. *Teias*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 82-97, 2000.

Recebido em: 10/06/2015
Aprovado em: 07/08/2015

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE
Revista Linhas
Volume 16 - Número 32 - Ano 2015
revistalinhas@gmail.com